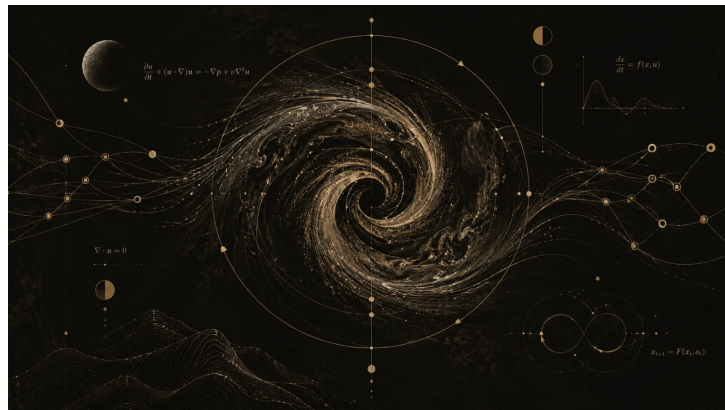


O ocultismo deveria perder território

Navier-Stokes, magia do caos, cibernética de segunda ordem e agentes de IA

Sobre operar aquilo que ainda não compreendemos por completo — sem transformar analogia em prova e sem preservar como mistério aquilo que já podemos investigar.

Fábio Costa · Mestre em Física, Teólogo e Magista
10 de setembro de 2026



Nota editorial. Em 8 de setembro de 2026, a OpenAI publicou uma solução proposta para o problema de existência e regularidade de Navier-Stokes, produzida por um sistema multiagente e acompanhada de formalização em Lean. Na data deste texto, o Clay Mathematics Institute ainda lista o problema como não resolvido. Essa diferença entre proposta, verificação e reconhecimento é parte central do argumento abaixo.

Há um vício recorrente no ocultismo contemporâneo que me incomoda mais do que a credulidade: o apego ao mistério. Não ao mistério legítimo, produzido por aquilo que ainda não sabemos, mas à necessidade de manter misterioso aquilo que já começou a ser compreendido, como se descobrir mecanismos diminuísse a prática.

Quando um ritual altera atenção, comportamento, memória, expectativa, vínculo social ou estado emocional, algumas pessoas recebem a explicação como ameaça. “Então era só psicológico?” A pergunta já nasce ruim. Psicológico não significa irreal. Explicar uma parte do mecanismo não torna o efeito menos interessante; torna nossa descrição mais precisa.

Minha tese é simples: o ocultismo saudável deveria perder território constantemente. Tudo aquilo que conseguimos retirar do desconhecido deveria passar para o território do conhecido. O que continuar resistindo aos nossos modelos permanece na fronteira.

Não precisamos cobrir novamente com fumaça aquilo que acabamos de iluminar.

Navier-Stokes não prova magia — e é justamente por isso que interessa

Começemos retirando a leitura preguiçosa. As equações de Navier-Stokes não demonstram magia, consciência não local, “energia sutil”, entidades, sincronicidades ou qualquer outra tese ocultista. Usar um problema matemático difícil como argumento do tipo “a ciência também não sabe tudo, portanto minha cosmologia pode ser verdadeira” é apenas um argumento da ignorância vestido com símbolos sofisticados.

A relação que proponho é epistemológica. Ela diz respeito à diferença entre modelo, operação, eficácia e compreensão. Navier e Stokes, no século XIX, ajudaram a estabelecer a estrutura matemática usada para descrever o movimento de fluidos viscosos. Hoje essas equações aparecem em problemas de aerodinâmica, meteorologia, engenharia, circulação de fluidos e turbulência.

Para um fluido incompressível de densidade constante, uma forma comum da equação é:

$$\partial u / \partial t + (u \cdot \nabla) u = -(1/\rho) \nabla p + \nu \nabla^2 u + f$$

$$\nabla \cdot u = 0$$

Os símbolos não são o fluido. u não é água, p não é pressão material e ν não possui viscosidade. Temos

uma estrutura simbólica que preserva relações importantes do fenômeno. Operamos essa estrutura e voltamos ao mundo para verificar se suas consequências continuam funcionando.

Isso já deveria interessar a qualquer magista sério: uma representação simbólica pode ser operacionalmente poderosa sem ser idêntica à coisa representada.

Operar um modelo não é o mesmo que possuir uma explicação final do real.

Usar antes de compreender por completo

Durante décadas, engenheiros, físicos e matemáticos utilizaram Navier-Stokes de maneira extraordinariamente produtiva sem resolver a questão que o Clay Mathematics Institute transformou, em 2000, em um dos sete Problemas do Milênio. A pergunta não era “essas equações servem para alguma coisa?”. Isso já estava fora de discussão. A questão era muito mais específica: em três dimensões, sob determinadas condições, soluções suaves permanecem suaves para todo o tempo ou podem desenvolver singularidades?

Essa distinção é decisiva. Dizer que o problema de existência e regularidade permaneceu aberto não equivale a dizer que Navier-Stokes “não estava provada” ou que a dinâmica dos fluidos funcionava por fé. Havia resultados teóricos, classes de soluções,

experimentação, engenharia e simulação. Existia uma lacuna profunda, mas localizada, no nosso entendimento matemático geral.

Isso oferece uma lição útil para o ocultismo: não devemos confundir três estados diferentes — conseguir operar, conseguir modelar e compreender completamente. Eles podem aparecer em momentos diferentes.

A história humana está cheia de técnicas que precederam uma teoria adequada. Agricultura, metalurgia, fermentação, anestesia e farmacologia acumulam exemplos de práticas eficazes cuja explicação mecanística amadureceu depois. Isso não concede crédito automático a qualquer prática tradicional; apenas mostra que “não sabemos exatamente por quê” e “não acontece” são proposições diferentes.

Ciência não é um catálogo de certezas

A versão escolar do método científico costuma aparecer como uma escada: observação, hipótese, experimento, conclusão. É útil para ensino básico, mas pobre como descrição da ciência real. Diferentes áreas combinam observação sistemática, experimentação, modelagem, inferência, estatística, demonstração e revisão de maneiras distintas.

Para esta discussão, prefiro uma definição operacional: ciência é uma tecnologia institucional de resistência ao

erro. Uma afirmação ganha valor quando aceita ser pressionada por dados, lógica, crítica, replicação, instrumentos melhores, modelos rivais e pelo tempo.

Karl Popper tornou famosa a ideia de que uma teoria científica precisa correr o risco de ser refutada. A filosofia da ciência posterior tornou essa imagem mais complexa, mas a intuição continua valiosa: uma explicação que acomoda qualquer resultado depois que ele aconteceu aprende muito pouco com o mundo.

Esse é um problema brutal no ocultismo. Se uma operação “funciona” quando o resultado esperado ocorre, mas também “funciona” quando ocorre o oposto, quando nada acontece ou quando o resultado é reinterpretado depois, não temos um sistema de investigação. Temos um sistema blindado contra informação.

O maior inimigo de uma prática experimental não é estar errada. É ser construída de modo a nunca poder estar errada.

Magia do caos: crença como ferramenta, não como prisão

A magia do caos é especialmente útil nesta conversa porque uma de suas rupturas foi tratar crenças e paradigmas de forma instrumental. Peter J. Carroll resumiu a posição de maneira clara: na magia do caos, crença é tratada como ferramenta, e não como um fim em si mesma.

A consequência dessa ideia é mais profunda do que trocar um panteão por outro. Um magista pode entrar deliberadamente em um modelo simbólico para operar sem precisar declarar que esse modelo é a descrição final do universo.

Posso trabalhar com uma divindade sem alegar que resolvi a ontologia das divindades. Posso utilizar um servidor sem afirmar que descobri uma nova espécie de organismo metafísico. Posso trabalhar com astrologia como linguagem simbólica sem fingir que um mecanismo causal específico foi demonstrado. Posso viver uma experiência subjetivamente enorme e ainda dizer: não sei exatamente o que aconteceu.

Isso não enfraquece a operação. Ao contrário, impede que a prática vire catecismo.

O problema começa quando o paradigma que deveria funcionar como ferramenta volta a ser dogma. A pessoa utiliza um modelo, obtém um resultado e passa diretamente de “isso foi útil” para “portanto o universo é exatamente assim”. Esse salto é epistemologicamente injustificado.

Cibernética: da ação ao feedback

Norbert Wiener consolidou a cibernética, em 1948, em torno de problemas de controle e comunicação em animais e máquinas. O conceito de feedback é central: um sistema age, recebe informação sobre os efeitos da própria ação e usa esse retorno para regular o próximo estado.

Isso muda nossa maneira de olhar para um ritual. Em vez de uma linha simples — “intenção, ritual, resultado” — podemos enxergar um circuito:

operador → símbolo → ação → ambiente → feedback → operador

O magista estabelece uma intenção, constrói uma representação, executa uma operação, altera seu estado, percebe o ambiente, interpreta acontecimentos e age a partir dessa interpretação. O ambiente então devolve novas condições, que alteram crenças e operações futuras.

Isso não é uma “explicação da magia”. É uma forma de aumentar a resolução do que estamos observando. Em vez de chamar o processo inteiro de energia, podemos distinguir componentes e relações.

A segunda ordem coloca o observador dentro do circuito

Heinz von Foerster tornou célebre a distinção entre a cibernética dos sistemas observados e a cibernética dos sistemas observadores. Na segunda ordem, o observador deixa de ser tratado como alguém completamente externo ao fenômeno.

Para a prática mágica, isso é decisivo. O magista observa o resultado, mas também faz parte do sistema que produz a observação. Sua linguagem, expectativa, memória, fisiologia, repertório simbólico e critérios de relevância afetam aquilo que será percebido e classificado como “resultado”.

Imagine que uma coincidência ocorra algumas horas depois de uma operação. A primeira pergunta é: o que aconteceu? A segunda é: por que este acontecimento, entre milhares, ganhou relevância para mim? A segunda pergunta não invalida a primeira. Ela adiciona uma camada de observação sobre a própria observação.

O diário mágico, nesse sentido, poderia ser muito mais do que memória ritual. Pode funcionar como instrumento de segunda ordem. Registrar previsões antes do resultado, critérios de sucesso, estado emocional, hipóteses alternativas, falhas e mudanças posteriores de interpretação cria resistência contra o próprio viés do operador.

Parte do que chamamos de ritual já está sendo modelada

Existe hoje um corpo relevante de pesquisa sobre comportamento ritual. Hobson e colaboradores, em uma revisão de 2018, organizaram evidências sobre funções regulatórias relacionadas a emoção, metas de desempenho e conexão social. Legare e Souza mostraram experimentalmente que induzir uma sensação de aleatoriedade pode aumentar a avaliação subjetiva da eficácia de rituais.

Em 2026, uma revisão em *Trends in Cognitive Sciences* propôs integrar persistência ritual a modelos de aprendizagem por reforço. O quadro inclui mecanismos model-free, recompensas afetivas e sociais, modelos culturais compartilhados, previsão de

consequências e atualização de crenças.

Nada disso encerra “a magia”. Também não valida automaticamente alegações metafísicas. O que essas pesquisas fazem é retirar algumas partes do comportamento ritual da caixa preta. Mostram que repetição, incerteza, significado, aprendizagem, emoção e vínculo social podem ser descritos e testados.

Um magista deveria comemorar isso. Cada mecanismo compreendido amplia o repertório operacional. Saber que certo procedimento regula atenção ou ansiedade não o torna menos útil. Saber que sincronia fortalece coesão coletiva não destrói o ritual coletivo. A compreensão acrescenta controle.

O problema da palavra “energia”

Em muitos ambientes ocultistas, “energia” funciona como uma variável universal. Sensação corporal? Energia. Ambiente estranho? Energia. Mudança emocional? Energia. Coincidência? Energia. Sincronia de grupo? Energia.

Uma palavra que explica tudo deixa de distinguir qualquer coisa. Isso não significa que todo uso do termo seja ilegítimo; significa que uma explicação precisa dizer mais do que repetir um rótulo.

Se conseguimos decompor uma experiência em atenção, expectativa, comportamento, memória, fisiologia, dinâmica social ou informação, insistir que tudo precisa permanecer sob uma única palavra

misteriosa diminui nossa capacidade de investigar.

Quando um mecanismo deixa de estar oculto, compreendê-lo não profana a prática. Amplia o repertório.

Então chegam os agentes de IA

Em 8 de setembro de 2026, a OpenAI publicou uma solução proposta para o problema de existência e regularidade de Navier-Stokes. A empresa afirma que o resultado mostra a formação de uma singularidade em tempo finito e disponibilizou tanto uma demonstração analítica quanto uma formalização em Lean.

A parte relevante para esta Heresia está na arquitetura usada na busca. Segundo a OpenAI, agentes foram organizados em grupos, receberam variantes diferentes do problema, utilizaram ferramentas, executaram código e puderam compartilhar informação. O grupo que encontrou a solução envolveu algo da ordem de dez mil agentes concorrentes.

A notícia exige cautela. Uma afirmação feita pela própria organização que produziu o resultado não é idêntica a consenso matemático. Na data deste texto, o Clay Mathematics Institute ainda mantém Navier-Stokes como “Unsolved”. Pelas regras do prêmio, uma solução precisa ser publicada em veículo qualificado, sobreviver a pelo menos dois anos de escrutínio e alcançar aceitação geral da comunidade

matemática.

Essa cautela não diminui o acontecimento. Ela o torna ainda mais interessante para nosso argumento. A solução proposta entrou num circuito de resistência: produção, formalização, publicação, crítica, tentativa de refutação, correção e, eventualmente, consenso ou rejeição.

Um sistema multiagente se parece, estruturalmente, com certas tecnologias mágicas

Aqui precisamos ser rigorosos com a palavra “parece”. Analogia não é identidade. Um agente de IA não é um espírito, e um servidor mágico não é software. Mas comparar arquiteturas pode produzir perguntas úteis.

Um agente computacional recebe contexto, objetivo, regras, ferramentas, permissões, memória e critérios de parada. Pode receber informação, produzir ações, conversar com outros agentes e modificar um ambiente digital.

Em várias tecnologias da magia do caos, o magista também externaliza uma função em uma estrutura simbólica: define propósito, representação, condições de ativação, regras, limites e encerramento. A semelhança é funcional, não metafísica.

A comparação é interessante porque mostra que agência funcional não precisa coincidir com nossa imagem intuitiva de uma pessoa consciente. Sistemas podem receber objetivos, processar informação e

produzir efeitos sem serem indivíduos humanos. Isso abre uma conversa mais sofisticada sobre servidores, formas-pensamento e egrégoras — não como “prova” dessas categorias, mas como modelos cuja arquitetura pode ser comparada com sistemas distribuídos.

Egrégora, emergência e sistemas distribuídos

Pense em uma instituição. Ela possui nome, memória documental, símbolos, regras, objetivos, mecanismos de autopreservação e capacidade de agir. Seus membros podem ser substituídos, mas o padrão organizacional permanece.

Não precisamos afirmar que a organização é uma criatura metafísica para reconhecer que ela possui propriedades que não pertencem isoladamente a nenhum indivíduo. É um padrão distribuído sustentado por pessoas, documentos, infraestrutura, linguagem, dinheiro, tecnologia e feedback.

Isso nos dá uma maneira interessante de reler a ideia de egrégora. Em vez de começar afirmando uma substância invisível, podemos começar pela emergência: que propriedades aparecem quando muitas unidades entram em interação recursiva por meio de símbolos e regras compartilhados? Quais efeitos são reais no nível coletivo mesmo que não possam ser localizados em uma única pessoa?

Uma torcida, uma igreja, uma empresa, um movimento político ou uma comunidade iniciática podem produzir comportamento coletivo, memória e pressão

normativa. Esses fenômenos são empiricamente investigáveis. Se alguém quiser acrescentar uma camada metafísica, essa camada precisa ser argumentada separadamente; não pode ser contrabandeada pela existência evidente do fenômeno social.

Onde a analogia precisa parar

Esta talvez seja a seção mais importante. Ciência, cibernética, magia do caos e inteligência artificial não são quatro nomes para a mesma coisa. Misturá-las sem cuidado produz exatamente o tipo de misticismo de baixa resolução que estou criticando.

Navier-Stokes não prova magia. Cibernética não prova egrégoras. Psicologia do ritual não refuta entidades. Agentes de IA não demonstram servidores. Uma analogia é boa quando revela relações estruturais, sugere novas perguntas ou ajuda a decompor um problema. Ela se torna ruim quando é usada para fingir que uma conclusão metafísica já foi demonstrada.

Esse cuidado permite uma posição mais madura: posso reconhecer mecanismos conhecidos sem alegar que todos os níveis do fenômeno foram encerrados. Posso manter hipóteses abertas sem conceder a elas o mesmo peso de conhecimento estabelecido. Posso operar simbolicamente sem transformar o símbolo em ontologia.

A pergunta madura não é apenas “isso é real?”

“Real” é uma palavra grande demais para ser usada sem qualificação. Uma empresa é real, mas não da mesma maneira que uma pedra. Uma música é real, mas não ocupa o mundo como uma mesa. Uma cultura é real, embora não possa ser localizada em um único cérebro. Um algoritmo existe como estrutura formal e como implementação concreta.

Diante de um conceito mágico, perguntas mais úteis são: que propriedades estamos atribuindo a ele? De que depende para continuar existindo? Que efeitos conseguimos observar? Quais previsões ele permite? O que é interpretação e o que é registro anterior ao resultado? Que alternativas explicativas existem? O que faria nossa hipótese perder força?

Essas perguntas não tornam a magia menos interessante. Tornam impossível sobreviver apenas de retórica.

O ocultismo deveria desejar sua própria obsolescência parcial

Aqui está a heresia inteira em uma frase: se amanhã uma operação hoje classificada como mágica for compreendida, reproduzida, modelada e incorporada a uma disciplina científica, o ocultismo não perdeu. Ele cumpriu uma de suas funções possíveis: alguma coisa deixou de estar oculta.

O fracasso seria descobrir o mecanismo e rejeitá-lo porque a explicação parece pouco misteriosa. Isso transforma ocultismo em curadoria de ignorância.

Não precisamos reduzir magia a psicologia para parar de ignorar psicologia. Não precisamos reduzir magia a cibernética para reconhecer circuitos de feedback. Não precisamos reduzir entidades a emergência para estudar sistemas emergentes. Não precisamos transformar Navier-Stokes em metáfora esotérica para aprender algo sobre a diferença entre operar e compreender.

O território conhecido deve crescer. E justamente porque ele cresce, a fronteira também muda de lugar.

O verdadeiro ocultista não deveria ser o guardião do inexplicado. Deveria ser um explorador da fronteira entre aquilo que já conseguimos modelar e aquilo que ainda resiste honestamente aos nossos modelos.

O oculto não é esconderijo. É fronteira.

Em setembro de 2026, uma solução matemática proposta por um sistema distribuído de agentes artificiais entrou no circuito de crítica da ciência. Talvez sobreviva integralmente. Talvez precise de correções. Talvez falhe. O importante é que não existe uma cerimônia na qual uma afirmação se torna verdade por autoridade. Existe processo.

Uma ideia é formulada. É formalizada. É exposta. Outras pessoas tentam quebrá-la. O sistema aprende quando permite ser corrigido.

Um magista deveria conseguir fazer o mesmo.

Talvez nossa pergunta daqui em diante não deva ser simplesmente “isso é magia?”. Talvez devamos perguntar: o que está acontecendo aqui? Que parte sabemos operar? Que parte sabemos explicar? Que parte apenas acreditamos explicar? E que parte continua resistindo honestamente aos nossos melhores modelos?

É lá que o oculto deveria viver. Não naquilo que já conhecemos. Não naquilo que nos recusamos a estudar. Não numa palavra vaga usada para proteger crença.

O oculto não é esconderijo. É fronteira.

Referências e leituras

1. Clay Mathematics Institute. “Navier-Stokes Equation”. Página oficial do Millennium Prize Problem.
<https://www.claymath.org/millennium/Navier-Stokes-Equation/>
2. Clay Mathematics Institute. “Rules for the Millennium Prize Problems”. Regras de publicação, escrutínio e reconhecimento.
<https://www.claymath.org/millennium-problems/rules/>
3. OpenAI. “On the Navier-Stokes Millennium Prize Problem”. 8 set. 2026. Solução proposta, descrição do sistema multiagente e formalização em Lean.
<https://openai.com/index/navier-stokes-solution/>
4. Stanford Encyclopedia of Philosophy. “Scientific Method”. Revisão substancial de 8 ago. 2026.
<https://plato.stanford.edu/entries/scientific-method/>
5. Carroll, Peter J. “Chaos Magic in a Nutshell”. Specularium, 2014. Formulação explícita da crença como ferramenta.
<https://www.specularium.org/wizardry>
6. Wiener, Norbert. Cybernetics: or Control and Communication in the Animal and the Machine. MIT Press. Obra publicada originalmente em 1948.
<https://direct.mit.edu/books/oa-monograph/4581/Cybernetics-or-Control-and-Communication-in-the>
7. Ashby, Mick. “Problems with Abstract Observers and Advantages of a Model-Centric Paradigm”. Journal of the International Society for the Systems Sciences. Discute a distinção de von Foerster entre sistemas observados e sistemas observadores.

8. Hobson, Nicholas M.; Schroeder, Juliana; Risen, Jane L.; Xygalatas, Dimitris; Inzlicht, Michael. "The Psychology of Rituals: An Integrative Review and Process-Based Framework". *Personality and Social Psychology Review*, 2018. DOI: 10.1177/1088868317734944.
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29130838/>
9. Legare, Cristine H.; Souza, André L. "Searching for Control: Priming Randomness Increases the Evaluation of Ritual Efficacy". *Cognitive Science*, 2014. DOI: 10.1111/cogs.12077.
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23941272/>
10. "Cognitive computations underlying ritual performance and persistence". *Trends in Cognitive Sciences*, 2026. DOI: 10.1016/j.tics.2026.04.009.

Observação metodológica: as referências acima sustentam pontos históricos, matemáticos, filosóficos e psicológicos do ensaio. As aproximações entre essas áreas e práticas mágicas são analogias argumentativas do autor, não resultados científicos que demonstrem proposições metafísicas.

Observação metodológica. Este PDF é gerado a partir do mesmo texto publicado em profabio.com.br. Analogia não é prova: as aproximações entre domínios servem para orientar a investigação, não para encerrá-la.

Versão canônica e atualizada:

<https://profabio.com.br/heresias/heresia-sem-titulo>

profabio.com.br